

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030603

Folclore Regional



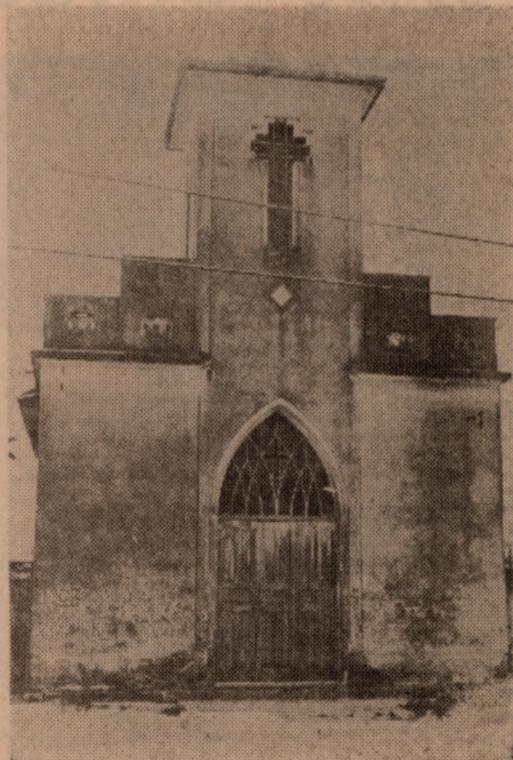
Carlos Gomes corria do Barão de Itatiba.

"O que melhor representa o folclore, senão histórias que circulam entre a gente do povo; ninguém sabe quem as criou, porque a aceitação coletiva despersonaliza o autor.

Mitos, lendas, danças, festas tradicionais, trovas, orações, provérbios, jogos e brinquedos são manifestações de folclore.

São coisas que o povo pensa, faz e sente; é parte de uma cultura transmitida oralmente em geração. Foi um arqueólogo inglês, William John Thoms, que criou a palavra, em 1846, unindo as expressões "folk" (povo) e "lore" (saber). Com ela, Thoms queria designar o registro de tudo que fizesse parte dos costumes e usos através do tempo e que fosse um fato folclórico. Atualmente, costuma-se considerar um fato folclórico, aquele que pode ser identificado através destas características: transmissão oral, aceitação coletiva, tradicionalidade, anonimato e funcionalidade. Tudo o que o povo faz tem sua razão, um destino e sua função.

O povo canta para rezar, para adormecer uma criança, ou para enterrar um morto. Faz festas com épocas marcadas, com cantos e danças apropriados. Portanto o fato folclórico nunca pode ser analisado à parte da cultura, pois é parte integrante desta".



Um escravo enforcou-se aqui.

Essas são palavras do dr. José Francisco Duarte, organizador da Semana do Folclore em nossa cidade, e que forneceu às alunas do Curso de Artes Plásticas da UCC.

Em seguida foi entrevistado o sr. Julio Mariano, profundo estudioso desse assunto. O sr. Mariano contou-lhes sobre os lugares considerados folclóricos em Campinas, dos quais surgiram lendas em torno deles; lugares esses propícios ao misticismo popular, pois possuem características sobrenaturais.

Dentre esses lugares está o Largo do Pará, que é assim considerado por possuir uma figueira, árvore tida como sagrada há mais de 2000 anos e que assume aspectos diferentes em diversas crenças; lembramos aqui que Judas se enforcou numa figueira. Originou-se daí a lenda da aparição de uma mulher vestida de branco, com um balaio de fogo na cabeça, soltando labaredas e dando voltas em torno da figueira. Isto foi visto numa noite, por um parente do sr. Julio, que contou e recontou o fato, afirmando ser verdadeiro.

Uma praça que possui elementos folclóricos é a antiga Praça da Alegria, depois tornada Largo do Riachuelo, e atualmente Praça D. Pedro II. O nome primitivo desta praça é um tanto quanto paradoxal, visto que naquela época a praça era um cemitério de escravos e em função deste cemitério foi construída a Igreja de São Benedito. Em torno desta praça há várias lendas sobre aparição de negros dançando e cantando seus lamentos.

Ainda por informação do sr. Julio há lendas surgidas sobre o Centro dos Tropeiros, hoje Largo da Santa Cruz. Era assim chamado por ser o ponto de encontro dos tro-

peiros que vinham do litoral trazendo sal, com os sertanistas que traziam açúcar. Deste pouso, surgiram lendas, histórias e ditos populares, que por intermédio destes tropeiros se espalhavam por toda a região.

As lendas campineiras, desde os primeiros tempos propiciaram diversas construções de monumentos e igrejas. A própria construção da primeira capela, hoje Matriz do Carmo na Praça Bento Quirino, que naquela época era mata virgem, foi em detrimento da lenda que diz que os sertanistas que faziam o roteiro dos Guaiazes e que ali perto se arachavam, ouviam o repicar de sinos na mata, durante a noite.

O antigo nome da cidade, Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá, motivou a construção da capela da padroeira na freguesia da Conceição, visto que naquela época Campinas era ligada a Jundiá, sendo sua freguesia. Desta ligação surgiu a lenda que existia um dragão no sub-solo entre Campinas e Jundiá; a cabeça do dragão estaria em Jundiá e a cauda aqui. Esta lenda foi criada pelo povo como explicação dos acidentes ocorridos durante a construção da torre da catedral. Acreditava-se que, o dragão movia sua cauda, causava um tremor que afetava e fazia desabar a torre e os operários que ali trabalhavam.

Os grandes vultos de nossa cidade também possuem em torno de si, lendas e histórias tidas pelo povo como verdade inabaláveis. Ai, podemos citar o que o sr. Mariano contou-lhes sobre o que o povo diz a respeito de Carlos Gomes.

Em 1896, quando morreu Carlos Gomes, no Estado do Pará, seu corpo foi trazido para cá. Sua família não possuía um jazigo e assim a família Ferreira Penteado prontificou-se a emprestar o seu, até que o túmulo de Carlos Gomes fosse construído. Assim, Carlos Gomes permaneceu sepultado junto ao Barão de Itatiba, antigo senhor da família Ferreira Penteado, que quando vivo possuía patente de major ou coronel da Guarda Nacional. Era conhecido como um homem prepotente e daí surgiu a lenda de que o Barão, não gostando de estar junto a um estranho, pegava seu espadão da Guarda Nacional e expulsava Carlos Gomes de seu túmulo, correndo atrás dele até o local onde mais tarde foi erigido o seu jazigo definitivo. Essa é uma das explicações que surgiram sobre a escolha do lugar para a construção do monumento-túmulo de Carlos Gomes.



Dragão não deixava construir a Catedral.



Aparições de negros dançando no tempo da escravidão.



Sinos na mata assustavam tropeiros.